

I ENCONTRO DE UNIVERSIDADES SENIORES DA REGIÃO DE AVEIRO



I ENCONTRO DE UNIVERSIDADES SENIORES DA REGIÃO DE AVEIRO

26 MAIO 2017 | CASA DA CULTURA DE ÍLHAVO | GRANDE AUDITÓRIO DA REITORIA UA



universidade de aveiro



provedor do estudante

DOCUMENTO FINAL I EUSRA

EMIÇÃO DE DOCUMENTO FINAL EM 30 JUNHO 2017 | **SECRETARIADO-GERAL I EUSRA**



UNIVERSIDADE SÉNIOR DA GAFANHA DA NAZARÉ



I ENCONTRO DE UNIVERSIDADES SENIORES DA REGIÃO DE AVEIRO

26 MAIO 2017 | CASA DA CULTURA DE ÍLHAVO | GRANDE AUDITÓRIO DA REITORIA UA

DOCUMENTO FINAL I EUSRA

– COMO SUMÁRIO –

1. Realizou-se na data de 26 de Maio de 2017 o **I ENCONTRO DE UNIVERSIDADES SENIORES DA REGIÃO DE AVEIRO**, iniciativa da organização da Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré – Ílhavo, em parceria com a Câmara Municipal de Ílhavo, no âmbito do desígnio da *Maioridade*, e a coordenação executiva da Provedoria do Estudante da Universidade de Aveiro, no ideário do programa *Diálogo de Gerações*, contando a iniciativa com 410 participantes, seniores oriundos dos municípios da CIRA.
2. Participou uma ampla comunidade sénior, pretendendo-se, como objetivo, gerar reflexão sobre o *presente e o futuro* no contexto das dinâmicas dos públicos seniores da nossa região de Aveiro. Foram organizações participantes e parceiras deste processo construído de Janeiro a Maio de 2017: a Academia de Saberes de AVEIRO, o Instituto Sénior da Misericórdia de OVAR, a Universidade Sénior de ÁGUEDA, a Universidade Sénior de CACIA, a Universidade Sénior da CURIA, a Universidade Sénior de ESMORIZ, a Universidade Sénior de Rotary de ESTARREJA, a Universidade Sénior de OLIVEIRA DO BAIRRO, a Universidade Sénior Rotary de SEVER DO VOUGA e a Universidade Sénior de VAGOS.
3. Como entidades apoiantes da iniciativa: a) em termos de juntas de freguesia do município de Ílhavo: a Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré, a Junta de Freguesia de São Salvador de Ílhavo, a Junta de Freguesia da Gafanha da Encarnação e a Junta de Freguesia da Gafanha do Carmo. b) Em termos de entidades da Universidade de Aveiro, parceiras do *programa Diálogo de Gerações* da Provedoria do Estudante da UA: a Reitoria da UA, os Serviços de Ação Social da UA, a Associação Académica da UAv, a Associação dos Antigos Alunos da UAv. c) Em termos de Comunicação Social: a Porto Canal, o Diário de Aveiro, a Rádio Terra Nova, o Correio do Vouga, o Timoneiro.
4. Integrou a iniciativa a visita ao *Aquário dos Bacalhaus do Museu Marítimo de Ílhavo*, e decorreu em dois notáveis centros de cultura: às 14.00h, as *Comunicações* no Centro Cultural de Ílhavo, e pelas 21.00h, o *Sarau Cultural*, no Grande Auditório da Reitoria da Universidade de Aveiro.
5. Foram intervenientes personalidades e entidades de referência, com visão e dinâmica diante desta realidade social dos *novos públicos seniores*, tendo como eixo a questão de *como “ser” e o que fazer na idade sénior pós-laboral?* Inovação social e públicos seniores, toda a vida ativa, preparação para a reforma, voluntariado social, turismo sénior, reconhecimento social, estratégia preventiva e proatividade, estímulo intelectual, aprender ao longo da vida, bem-estar integral, foram algumas das palavras-chave do I EUSRA, numa região *comVida*!
6. Na **SESSÃO DE ABERTURA** – decorrendo após **MOMENTO MUSICAL** da *Tuna da Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré* – foram intervenientes: Fernando Fidalgo Caçoilo, Presidente da Câmara Municipal de Ílhavo; César Fernandes, Presidente da Direção da Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré; Luís Jacob, Presidente da RUTIS – Rede Nacional de Universidades Seniores.

7. Na **COMUNICAÇÃO I** – *O CONHECIMENTO GLOBAL E O TERRITÓRIO REGIONAL: VALORAÇÃO E INCLUSÃO EM TODAS AS IDADES*, moderada por Elisabete Arvins (professora da Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré), foram intervenientes: Manuel António Assunção, Reitor da Universidade de Aveiro; José Ribau Esteves, Presidente da CIRA – Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro.
8. No período de **INTERVALO**, realizou-se o *PLENÁRIO DE DOCES E PETISCOS REGIONAIS*, provindo de cada Instituição Sénior e de cada município em geral elementos gastronómicos caraterísticos da nossa região de Aveiro, garantindo a organização as bebidas. Ao termo do intervalo, em palco do Auditório, atuou o *Grupo de Cavaquinhos da Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré*.
9. Na **COMUNICAÇÃO II** – *A CONQUISTA DA LONGEVIDADE E OS DESAFIOS SOCIAIS E CULTURAIS DA IDADE SÉNIOR*, moderada por Paulo Costa (Vereador da Câmara Municipal de Ílhavo), foram intervenientes: Eduardo Anselmo Castro, docente da Universidade de Aveiro: *A DEMOGRAFIA PÓS-REFORMA*; Pedro Machado, Diretor Turismo Centro de Portugal: *O TURISMO SÉNIOR*; José Alberto Fonseca e Maria Eugénia Pereira, Direção da UNAVE: *A FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA*.
10. Como **NOTA DE CONCLUSÕES** – *UMA VISÃO PARA O FUTURO*, foi interveniente Júlio Pedrosa, ex-Ministro da Educação.
11. Após as *Comunicações*, a comunidade participante deslocou-se para as Cantinas da Universidade de Aveiro para o Jantar oferecido pela organização, seguindo-se o *Sarau Cultural*.
12. No **SARAU CULTURAL** – *GRUPOS CULTURAIS DAS INSTITUIÇÕES SENIORES EM FESTA*, apresentado pelo Grupo de Teatro da Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré e após abertura da Tuna da Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré, foram participantes: o Grupo Musidec – Música e Cantares da Universidade Sénior de Cacia; a Tuna da Universidade Sénior de Vagos; o Grupo Coral Ensaios de Canto da Universidade Sénior Rotary de Estarreja; o Grupo de Danças e Cantares Tradicionais da Universidade Sénior de Águeda; o Grupo Musical da Universidade Sénior de Esmoriz; o Grupo Coral Gerações do Instituto Sénior de Ovar; a TUSC – Tuna da Universidade Sénior da Curia; a TUNISOB – Tuna da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro; o Grupo Coral da Academia de Saberes de Aveiro. Encerrou o Sarau Cultural com um *Momento Final* com todos os responsáveis das organizações Seniores da região em palco, e com a oferta da *PEÇA COMEMORATIVA* da iniciativa a todas as instituições seniores, sendo a mesma oferecida como gratidão e todos os intervenientes e entidades associadas ao I EUSRA.
13. Como nota programática, decorrendo deste *I ENCONTRO DE UNIVERSIDADES SENIORES DA REGIÃO DE AVEIRO*, regista-se a emissão do presente documento final de conclusões e síntese das comunicações para memória futura e no ideário de contributo da construção do projeto coletivo da comunidade sénior da região, querendo significar documento de trabalho e abertura a perspetivas futuras de modo plural e integrado.
14. Após autoproposta da **UNIVERSIDADE SÉNIOR DA CURIA** e comunicação da organização deste Encontro com a comunidade participante, e verificando-se adesão entusiástica: regista-se dar continuidade à realização anual deste Encontro Regional, o qual no **ANO 2018** rumará às terras da Curia – Anadia. Da coordenação da **Universidade Sénior da Curia**, ocorrerá o **II EUSRA** nas tardes dos dias **7 e 8 de Junho 2018**, com potenciais públicos diferenciados: quinta **7 de Junho**, tarde: **JORNADA DE REFLEXÃO SOBRE TEMÁTICAS SENIORES** (para pessoal técnico e todos os interessados das US); sexta **8 de Junho**, tarde: **ROTEIROS CULTURAIS SENIORES** (para todos os membros das US). Para a melhor continuidade do projeto coletivo e para efeitos de facilitação integrada e otimização do histórico deste I EUSRA, será todo o acervo histórico de contactos, e outros convenientes, cruzado desta organização com a Universidade Sénior da Cúria para a melhor realização em 2018.

RELATORES DO I EUSRA:

JOANA BARBOSA,

Estagiária da Universidade de Coimbra na US-GN | Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária.

TIAGO SOARES,

Estagiário da Universidade de Aveiro na Junta de Freguesia de São Salvador | Mestrado em Planeamento Regional e Urbano

15. Da SESSÃO DE ABERTURA apresenta-se a síntese das intervenções:

FERNANDO FIDALGO CAÇOILLO

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ÍLHAVO

Saudações.

Temos um projeto global chamado «23 milhas». 23 milhas: para vocês que são de fora do município, perguntam eventualmente o que será o «23 milhas»?! (...) É o eixo do Farol da Barra que é o maior farol de Portugal, que é um farol profundo que ilumina todo o município e que muito nos motiva. Temos excelentes equipamentos culturais: esta Casa da Cultura em Ílhavo, a Fábrica das Ideias na Gafanha da Nazaré, o Laboratório das Artes da Vista Alegre e o Cais Criativo na Costa Nova. A par de alguns equipamentos em parceria com a Universidade de Aveiro.

Este conceito de maioridade, conceito de envelhecimento ativo, enfim, da atividade que cada um pretende e deseja em função da sua vida é de facto louvável. Temos ideia que chamar “velhos” é uma coisa feia (...) O velho é sinal da vida, é sinal de experiência, é sinal que sabe o que essa mesma vida lhes ensina e, portanto, a velhice e o ser velho é um ato nobre. Eventualmente, numa sociedade portuguesa em que se perdeu muito este conceito, devíamos respeitar muito mais os mais velhos do que aquilo que hoje respeitamos.

A Câmara Municipal de Ílhavo é a única câmara do país que criou um pelouro chamado da “Maioridade”. E na primeira responsabilidade que é distribuir pelouros pelos vereadores decidimos criar este pelouro como inovação. Se temos um pelouro da cultura, se temos um pelouro da juventude, se temos um pelouro das obras, se temos um pelouro de outra coisa qualquer... porque não devemos ter um pelouro da maioridade, quando sabemos que hoje a nossa sociedade tem uma percentagem de gente mais velha. (...) É também um primeiro passo para esta atividade, a discussão, a preparação para o amanhã, para o pós-laboral.

Quando se vai para a reforma é importante continuarmos a atividade, continuar a ocupar-se, a fazer qualquer coisa boa e acho que isso é a melhor solução, continuar a vida, forte e ativamente. É neste conceito, julgo, que as Universidades Seniores fazem as suas atividades, pegam na cultura da região, pegam nas vivências, pegam na história e tradição, vivem-na de uma forma que é importante, levando a vida com satisfação.

CÉSAR FERNANDES

PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DA GAFANHA DA NAZARÉ

Saudações.

Quero dar as boas vindas a todos e enaltecer as parcerias criadas que tornaram possível esta realização, de modo especial com a Câmara Municipal de Ílhavo e a Universidade de Aveiro.

Há um ano atrás, na mesma data, na Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré realizámos uma reflexão profunda que concretizámos num documento intitulado «VISÃO ESTRATÉGICA 2016-2020». Desse projeto fazia parte, através de uma parceria estratégica, o erguer de um encontro regional de Instituições e Universidades Seniores da Região de Aveiro. Como razão de ser, sentíamos que estas questões dos públicos seniores, hoje e amanhã, poderiam ter mais espaço na agenda pública, social e cultural, das nossas comunidades.

Como base de partida observámos que as preocupações e as ações de dinamização do município de Ílhavo, no âmbito da maioridade, são um elemento muito feliz, já presente na gestão do município. Em Janeiro deste ano propusemos a parceria e, prontamente, a Câmara Municipal de Ílhavo aceitou este desafio muito estimulante para todos.

Eis que hoje estamos aqui, com uma agenda de comunicações e reflexões que sentimos ser importante para pensar a sociedade numa lógica mais inclusiva, preventiva e pró-ativa na procura de novos conceitos e dinâmicas agregadoras para a idade sénior.

Para todos nós e para a Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré, significa aprendizagem fazendo e um alto estímulo de fortes envolvências para outros empreendimentos futuros. E é com imenso gosto que estamos na Casa da Cultura de Ílhavo, sendo hora de atenção aos desafios da gente sénior.

Luís JACOB

PRESIDENTE DA RUTIS – REDE NACIONAL DE UNIVERSIDADES SENIORES

Saudações.

Hoje, Ílhavo é a capital nacional das Universidades Seniores.

As Universidades Seniores em Portugal há muito tempo que são uma realidade, são algo que ultrapassou tudo aquilo que podíamos imaginar, quando em 2005 se criou a Rede Nacional de Universidades Seniores. Em 2005 no 3.º encontro nacional éramos 15 a 20 universidades. Estávamos longe de imaginar que em 2017 estaríamos aqui em Aveiro com 400 pessoas, e que a nível nacional teríamos 306 universidades seniores, 50.000 alunos e 6.000 professores voluntários. Estes números fazem de nós a maior rede mundial de universidades seniores. Não há nenhum país que se aproxime sequer à nossa dimensão. A rede já ultrapassou fronteiras: das 306 universidades em Portugal, vamos provavelmente chegar às 320 no final do ano. Das 306, 15 são fora de Portugal.

Este modelo de funcionamento das Universidades Seniores portuguesas distingue-se das outras, porque trabalha essencialmente com pessoas voluntárias (...). Se não houvesse esse voluntariado, hoje nenhum de nós estava aqui. As Universidades Seniores portuguesas baseiam-se em 3 fatores: os dirigentes, os professores voluntários e os alunos (...). Por de trás deste triângulo há outros fatores importantes, tal como o apoio desde o início do Poder Local, Juntas de Freguesias e Câmaras. Em França, onde nasceram as Universidades Seniores, há 25; a Espanha tem 50; o Brasil tem 40... Só para percebermos a dimensão do que é ter 306 universidades seniores em Portugal.

Quanto mais as pessoas se encontrarem, mais conversarem e mais conviverem, mais projetos vão surgir, mais atividades vão existir e mais a rede vai crescer. Quando tivemos a conversar durante 10 anos com o Ministério da Segurança Social, o nosso objetivo é sempre e será sempre as pessoas, dar dinamismo a estas pessoas (...), queremos tirar as pessoas de casa. Todas estas pessoas têm saber e as Universidades Seniores são sempre um local de partilha. Somos um projeto cultural, as Universidades Seniores não só assistem a iniciativas culturais como são a produção cultural. Somos um projeto, obviamente, de educação e não há nada mais forte do que a educação para mudar o mundo; somos um projeto social; somos um projeto de saúde. Há estudos que indicam que os alunos das Universidades Seniores são mais felizes, têm menos sintomas de depressão e consomem entre 20 a 30 por cento de menos medicação. Eu considero que as Universidades Seniores devem, cada vez mais, sair das salas de aulas e ir para a comunidade, darem bons exemplos de cidadania e intervirem.

16. Da COMUNICAÇÃO I – O CONHECIMENTO GLOBAL E O TERRITÓRIO REGIONAL: VALORAÇÃO E INCLUSÃO EM TODAS AS IDADES – apresenta-se a síntese das intervenções:

MANUEL ANTÓNIO ASSUNÇÃO

REITOR DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Saudações.

A Universidade de Aveiro é uma universidade que vai desde os 17 aos 80 e muitos anos (...). Somos uma universidade que abarca também a idade sénior.

As universidades fazem cada vez mais coisas e, portanto, passámos de um tempo em que as universidades eram vistas como simples transmissores de educação para um tempo de educação, investigação e quase tudo. Passou-se de um tempo de educação de elites para uma educação e integração de quase todos. Portanto, isto inclui a integração e a participação de pessoas com deficiências e de outras minorias, e da aprendizagem ao longo da vida (...). Partilhar e aprender nas Universidades Seniores e as universidades em geral.

Hoje espera-se que as universidades façam investigação fundamental e aplicada, que façam investigação com impacto social, quase em tempo real (...), que sejam fonte de inovação para as

empresas, que sejam produtores de desenvolvimento regional (...), que participem na mudança da administração pública.

Coloco um enfâse especial na responsabilidade social das universidades que elas têm crescentemente vindo a assumir. Falo da compreensão pública das ciências, muito importante para vários aspetos das nossas vidas (...).

Espera-se que as universidades possam contribuir para antecipar o futuro, aquilo que hoje se fala muito, da revolução industrial ou a digitalização da economia (...) Espera-se que seja uma universidade cívica, no sentido que a universidade influencie todos os aspetos da sociedade, incluindo os aspetos económicos, culturais e sociais. Num mundo em que todos os dias nos surgem ideias, necessidades e até informações, espera-se que as universidades sejam transmissores desses aspetos éticos, dos padrões éticos de maior elevação.

Temos um pouco mais de 1.000 docentes e investigadores, por volta de 13.500 alunos (...) e cerca de 630 outros funcionários. Temos 80 nacionalidades representadas no campus da UA e temos uma boa capacidade de acomodação. Somos o segundo maior empregador da região de Aveiro. Há opções livres, há a opção de toda a gente frequentar disciplinas isoladas, podendo dentro das possibilidades optar por línguas (...), isto é aberto a qualquer cidadão que o queira fazer.

Quero falar de um aspeto que talvez vos seja mais próximo e mais sensível, que é a questão da investigação, a valorização e a inclusão em todas as idades. Podemos falar de vários projetos. Temos o primeiro projeto: a utilização da comunicação e informação mediada tecnologicamente para os cidadãos seniores (...); temos um segundo projeto, mais centrado nas pessoas que necessitam de assistência, pessoas visando a autonomia, centradas no domicílio de cidadãos seniores. Temos um terceiro exemplo, de desenvolvimento de ferramentas para combater o isolamento e a exclusão social dos cidadãos seniores (...). Temos, ainda, uma aplicação de smartphones para seniores, que ajuda os utilizadores a não se esquecerem, por exemplo, de coisas tão fundamentais como a toma da sua medicação ou a medição dos valores vitais, ou ainda os níveis de glicemia (...). Temos a questão do CRAFTS, um projeto que visa desenvolver metodologias e ferramentas que ajudem pessoas a preservar o conhecimento que tenham de atividades artesanais ou industriais (...). São exemplos claros como estes que se ligam muito à responsabilidade social e cultural comunitária, e à preocupação que temos com a memória viva das pessoas mais velhas.

Temos a nossa própria incubadora de empresas (IERA) que tem vindo a crescer. Ela hoje já representa uma pequena, média-empresa com os seus cerca de 170 empregos diretos (...). Um dos instrumentos mais fortes é o Parque da Ciência e Inovação, centrado em cinco áreas prioritárias, onde conseguimos mobilizar cerca de 19 parceiros. Não é um parque de Aveiro, não é um parque de Ílhavo, é um parque da nossa região, que pretendemos em estreita relação com a região e que nos possa trazer riqueza, desenvolvimento e aumento de números de empresas, em cada um dos 11 concelhos das autarquias que compõem a comunidade intermunicipal (CIRA).

Duas ou três notas sobre a nossa preocupação com a aprendizagem, por fomentar o gosto pela aprendizagem através de muitas atividades. Na área da cultura, saliento o GRETUA, o primeiro núcleo de teatro experimental há quase quarenta anos; um estúdio de jazz (...); a maior coleção portuguesa não-pública de posters e gravuras (...); temos outros acervos e espólios (...); os festivais de outono e a presidência da Orquestra Filarmónica das Beiras, este um projeto em que a própria Universidade de Aveiro ofereceu o departamento de música e ajudou a crescer (...), um excelente exemplo de como as parcerias e o trabalho conjunto entre duas empresas distintas podem crescer. Há o museu aberto de arquitetura portuguesa contemporânea, que é o campus universitário. Uma intensa relação com a Associação Académica da Universidade de Aveiro e a Associação de Antigos alunos da Universidade de Aveiro. Há um programa para um campus sustentável, o projeto U-BIKE, projeto nacional que vai ter uma grande evidência na Universidade de Aveiro (...); há uma grande preocupação com um campus inclusivo.

Queremos continuar a afirmar a nossa Universidade de Aveiro como uma universidade abrangente, de proximidade, de excelência entre as universidades portuguesas, que seja uma referência europeia (...), que tenha um crescente cariz internacional e autenticamente global.

Saudações.

Primeiro, quero concretizar porque criamos a CIRA?! Porque é que ela nasceu?! O que é que temos feito com ela?! Segundo, realçar algumas das intervenções dos serviços que hoje são muito elementares em qualquer um dos 11 municípios da nossa região. Em terceiro lugar, lançar o olhar sobre alguns dos desafios futuros.

Em primeiro lugar, porque nasceu a necessidade dos municípios da nossa região se juntarem e se associarem... Nós nascemos como municípios da ria há quase 30 anos, hoje somos uma comunidade intermunicipal da região de Aveiro e só temos 2 municípios diferentes, saiu Mira e entrou Anadia (...). É uma associação de municípios das mais antigas que Portugal tem.

Sobre os dois objetivos que fizeram nascer esta associação. Em primeiro, promover o desenvolvimento (...). E porquê uma associação de municípios? Porque fomos percebendo que há um conjunto de matérias que se nós não fizermos com uma escala maior nós não fazemos bem. Há um conjunto de matérias que precisamos de fazer com a escala maior, somando os municípios. E um segundo motivo foi para termos mais poder, aquela coisa muito simples que nos ensinam mas que nós temos muita dificuldade em praticar, é que unidos somos mais fortes. Hoje quando falo como presidente da CIRA falo por 400.000 pessoas e, portanto, tenho mais poder.

O que nós fazemos hoje?! Quais são as nossas tarefas principais que temos feito?! Continuamos a fazer desenvolvimento, os municípios são o nosso suporte (...); criámos a nossa empresa das águas, hoje todos os nossos sistemas captam água no Rio Voga (...), e tudo isto é gerido ao nível intermunicipal, pela nossa empresa «ÁGUAS DA REGIÃO DE AVEIRO». Fizemos grande investimento ao longo dos anos. Depois, as intervenções da Polis da Ria de Aveiro; fizemos intervenções de qualificação da nossa Ria, ponta a ponta. Toda essa operação é gerida pela nossa comunidade intermunicipal em parceria com o Governo e com o Ministério do Ambiente. Tudo isto só é possível obter através do poder. O poder para se conseguir fazer através de um núcleo intermunicipal.

Toda a formação dos nossos funcionários das câmaras municipais, há muito tempo que é feita no quadro da associação de municípios. Temos dois ou três com necessidade de formação, juntamos dois ou três de cada câmara e fazemos uma ação de formação para formar 20 ou 30. Portanto, ganhamos todos eficiência no nosso trabalho, rentabilidade nos nossos recursos financeiros e etc (...).

Nós temos uma entidade de turismo chamada «DO CENTRO DE PORTUGAL» que é toda esta zona central do País, são 100 municípios, mas depois há uma série de operações que fazemos à escala da região de Aveiro (...). Nós nos últimos 6 anos gastamos 2.500.000 de euros em programas de promoção da nossa região de Aveiro. Tudo isto à volta do que consideramos ser o nosso produto principal, a Ria de Aveiro.

Portanto, essa dimensão ambiental ancorada na ria é o nosso produto turístico principal que nós promovemos em primeira instância, embora dentro dele temos tudo aquilo que nós chamamos de importante e que valoriza o nosso território.

Os turistas fazem um percurso sensato de um dia ou dois, e nós queremos conquistar para que os turistas venham especificamente à região de Aveiro (...). O turismo em Portugal cresceu nos últimos 7 anos, mas nós região de Aveiro só crescemos nos últimos 3 anos. Portanto, tomámos um conjunto de medidas para que o nosso crescimento tomasse um sentido positivo. Portanto, o ambiente é muito importante e está associado à nossa cultura.

O nosso território é culturalmente muito rico e é aqui que está a mistura que queremos desenvolver em termos turísticos, o nosso ambiente e a cultura, aquilo que nos torna diferentes. Esta é a nossa mistura de capital para promovermos a diferenciação do nosso território e em cima dessa diferenciação é que o promovemos no sentido da dinamização, da atividade económica, da nossa auto-estima e da conquista de consumidores para a nossa terra.

Temos agora hortas novas, na área do chamado empreendedorismo. Puxamos pela malta, seja ela mais nova ou mais velha e pretendemos que cada um assuma a sua vida profissional com base nas suas ideias, na sua capacidade de fazer coisas, e não tanto na capacidade do que os outros fazem.

Somos a única região do país que tem um parque da ciência e da tecnologia em que só está num único município, mas em que todos os 11 municípios comparticipam financeiramente o parque. Isto não acontece em lado nenhum do país (...). Por exemplo, uma das nossas maiores obras dos próximos anos tem a ver com o Baixo Voga. Vamos fazer um investimento de quase 40.000.000 de euros e esse investimento é financiado maioritariamente pelos tais fundos comunitários, mas também todos os municípios vão comparticipar (...). É isto que temos como solidariedade objetiva e tratamos de um território que é de todos nós.

Lançámos um programa há 5 anos que executamos uma vez por ano, que é o chamado Programa de apoio às atividades das nossas associações, para que possamos ter essa relação de construção de cidadania da região de Aveiro, chamando para esse trabalho o nosso movimento associativo, pela sua riqueza e pela sua intensa ligação aos cidadãos.

Dos mais novos aos mais velhos, porque nós gostamos de promover a participação ativa dos mais velhos, porque são guardiões de um património de conhecimento, de cultura de grande valor, que nós temos de cuidar, de enriquecer e promover (...). São os mais velhos que conhecem melhor o nosso território e a nossa cultura e os valores culturais (...).

17. Da COMUNICAÇÃO II – A CONQUISTA DA LONGEVIDADE E OS DESAFIOS SOCIAIS E CULTURAIS DA IDADE SÉNIOR – apresenta-se a síntese das intervenções:

— A DEMOGRAFIA PÓS-REFORMA —

EDUARDO ANSELMO CASTRO
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Saudações.

Há quem diga que isto é um futuro negro, será? Será um futuro negro ou não? Antes de discutirmos isso, vamos passar aos dados. Os dados mostram o contrário. O lado bom é as baixas taxas de mortalidade desde 1950 até aos tempos atuais e as previsões que fazemos até 2040. Portanto, observemos que elas acontecem em todos os grupos etários.

Fala-se muito em reformas estruturais e as grandes reformas estruturais são aquelas que os efeitos se notam 30 ou 40 anos depois. O que observamos é o resultado que foi dado lentamente e que estamos a ver dentro do Serviço Nacional de Saúde em Portugal. Portanto, é o que era o país em 1950 com um “Serviço Nacional de Saúde” apenas para alguns, contrapondo com o que é agora no SNS e o que será no futuro se mudarmos a tendência. Portanto, observamos o que se passa com todos os grupos etários. Todos sabem que as mulheres têm taxas de mortalidade mais baixas em qualquer grupo etário. Não era assim antes nos grupos etários centrais, devido aos riscos da mortalidade e isso também tem vindo a desaparecer. Em Portugal a melhor qualidade em termos de sobrevivência está patente nas mulheres, elas duram mais tempo. Vejamos também o que se passa em termos de diminuição das taxas de mortalidade que havia em 1950 e 2012 e, portanto, verifica-se em todos eles que se tem vindo a diminuir sistematicamente. Vejamos também o que se passa na evolução da esperança média de vida, que em 1950 era de 55,8 anos nos homens e 61 anos nas mulheres, e em 2040 será 81,8 anos nos homens e 87,3 anos nas mulheres.

Não sei se repararam ou sabiam mas a esperança média de vida à nascença era melhor no interior do que no litoral. Curiosamente, o sítio onde se morria mais era no concelho do Porto, devido às péssimas condições de saúde. Atualmente, é igual em todo o lado e as condições são muito melhores.

Pode-se verificar que a população que atingia os 70 anos passou a ser menos de metade da população, mas quase todas as mulheres podem esperar chegar aos 80 anos. Mesmo chegar aos 85 anos em 2040 é algo que 40% dos homens e 68% das mulheres podem esperar, e em 2040 cerca de 3% dos homens e 7% das mulheres serão centenárias. Isto chama-se a evolução do Sistema Nacional de Saúde e a sua equalização por todo o território. Portanto, não vai haver diferenças entre cidades e campos neste aspeto. Melhorámos imenso também as taxas de mortalidade infantil. Portanto, vivemos mais e espera-se que se viva mais e com mais qualidade de vida.

Mas a pergunta é, será que se pode sustentar a Segurança Social com isto? Há enormes discussões alarmistas sobre isto. Há uma coisa que podemos constatar, a quantidade de população portuguesa que nós temos vai baixar dos 10 500 000 que são agora, em 2040 serão cerca de 10.000.000 os cidadãos. A percentagem de pessoas a trabalhar também baixa, as pessoas que atingem a reforma em percentagem aumenta. Não é grave, porque também baixa o número de pessoas que não têm idade para trabalhar. Portanto, a população ativa reduz mas não assim tanto. É um efeito de algum aumento de um lado, e uma diminuição de outro.

O que as pessoas não têm noção é que a época que Portugal atingiu a maior percentagem de pessoas com idade para trabalhar entre os 20 e os 65 anos foi entre 2000 e 2010, e isto é o contrário do que as pessoas dizem. Entretanto, vai-se passar o oposto mas em 2040, isto estabiliza como em 1980. Há outro fator que é o aumento da produtividade, ou seja: em média, por ano, cada pessoa a produzir será maior. Portanto, o resultado é que o valor de produção por habitante per capita vai subir. Se cada pessoa em média tem mais, dizer que os idosos têm o suficiente ou não é uma questão de distribuição, não é uma questão de haver ou não. Portanto, a ideia de não sustentabilidade é uma ideia que não é verdadeira. E infelizmente, é uma ideia muito veiculada pela imprensa.

Não são só as pessoas que envelhecem, os territórios também podem envelhecer, só que, ao contrário das pessoas, também podem rejuvenescer. Há um mapa de envelhecimento e rejuvenescimento dos territórios e já sítios, como Lisboa, que vão ter um crescimento. O concelho que se prevê que cresça mais é Mafra. O litoral, onde está Aveiro, Ílhavo, Vagos, está em forte crescimento e porquê? Porque são sítios onde há o Ensino Superior. O sítio que terá o maior decréscimo geográfico é o Algarve. Portanto, os territórios também envelhecem, só é preciso encontrar soluções para contrariar isto. A demografia é muito difícil de inverter, é preciso dezenas de anos de políticas para dar algum resultado. São tendências muito poderosas e para as converter é preciso ter políticas a sério. É possível mudar com tempo e calma.

– O TURISMO SÉNIOR –

PEDRO MACHADO
TURISMO CENTRAL DE PORTUGAL

Saudações.

Agradeço o convite e saúdo os presentes.

Queria partilhar convosco algumas ideias que vêm na sequência da análise aqui feita pelo Professor Eduardo Anselmo, que refletem uma tendência que hoje trabalhamos na atividade turística – pensar no aumento da longevidade e assumir que devemos perceber que estamos perante uma tendência de mercado. Isto só pode trazer benefícios para esta atividade, uma atividade normalmente conhecida como uma “indústria do sorriso”, que encontra no mercado sénior um conjunto de características que podem ajudar a mitigar aspetos referidos na apresentação do Professor Eduardo, designadamente no apoio à correção de assimetrias regionais.

O país vive, de facto, um momento muito positivo, recebemos em 2016 praticamente 17 milhões de hóspedes. Estes 17 milhões de hóspedes estão muito concentrados nos nossos destinos com características de maior maturidade de marca, o que quer dizer que o país não vive todo ao mesmo tempo e em simultâneo, com aquilo que são os dados que o INE nos fornece.

Sendo o primeiro responsável por um destino turístico – dizem os académicos que é das organizações mais complexas de gerir –, o destino turístico depende, antes de mais, de uma cadeia de valor. Normalmente, associamos a atividade turística ao alojamento, à restauração, aos serviços, mas há um conjunto de indicadores que intervêm diretamente naquilo que é a nossa atividade, como sejam índices de segurança, de serviços médicos associados, etc. Portanto, a cadeia de valor da atividade turística não está especificamente ligada às premissas normalmente mais conhecidas, ela tem de facto aqui um conjunto mais alargado de premissas associadas. Além disso, na região centro, onde fechámos o ano de 2016 praticamente perto de atingir 50% da taxa média de ocupação, está muito longe das tais notícias que saem muitas vezes na comunicação social, que referem que o país está a ter uma “hecatombe” e, em alguns destinos, há excesso de turistas. Não há excesso. Há, eventualmente, do meu ponto de vista, condições pelas quais as nossas vilas e cidades, fruto de algumas falhas ao nível do planeamento, refletem fortes concentrações turísticas em territórios sem essa capacidade preparada.

Mas viemos falar sobre o primeiro encontro de universidades seniores da região de Aveiro, e para nós, este mercado, o mercado sénior, tem um conjunto de características muito interessantes. Primeiro, têm tempo. E, tempo, é um valor incomensurável para qualquer atividade e, muito particularmente, para a atividade turística. O tempo, o que faz com que tenhamos problemas estruturais para resolver na região centro, nomeadamente a permanência, é um dos indicadores que temos abaixo da média nacional. A região centro tem, nos seus melhores indicadores de permanência de turistas na região, uma média a melhorar, o que significa que, à partida, o tempo é um antídoto extraordinário para combater esse problema estrutural. Este segmento de mercado, ligado ao turismo sénior, tem, de facto, mais tempo, que alguns dos segmentos de mercado que trabalhamos, por isso, tem aqui, uma particular atenção por parte do nosso planeamento. Segundo, tem uma capacidade financeira que, se não for acima da média, está pelo menos mais estabilizada que outros segmentos de mercado. Tem um nível cultural acima da média e tem naturalmente, daquilo que nós hoje conseguimos vislumbrar, o facto de praticamente 38% dos seniores de todo o mundo – e particularmente na europa, 44% – realizarem viagens de lazer. Estamos, portanto, perante um mercado particularmente interessante do ponto de vista do seu planeamento e, acreditamos nós, com capacidade física e objetiva para conseguir atingir os resultados no curto e médio prazo.

Esta apresentação, tentando que não seja exaustiva, traduz um retrato do que é a nossa região. O mapa emocional que fizemos para a região centro, que não é um mapa geográfico, não é um mapa convencional, não é uma carta militar, mas é um mapa que procuramos que hoje traduza aquilo que é uma das tendências do mercado turístico. Fala-se muito de experiências, de expectativa, de podermos seduzir os turistas e, no caso da região centro de Portugal, criámos aquilo a que chamámos o mapa emocional, onde, através de uma iconografia própria, identificámos alguns dos aspetos mais relevantes da região. E esta região, tem, de facto, alguns indicadores que consideramos particularmente interessantes. Temos, desde logo, uma geografia complexa. Temos 100 municípios na área da região centro de Portugal. Isto equivale a praticamente 31% do território nacional e praticamente 22% da população portuguesa. Ser a maior região do ponto de vista do número de municípios não nos torna os mais importantes, traz mais complexidade. E esta complexidade tem aqui a necessidade de, quando planeamos a nossa atividade, tirar partido não da individualidade, mas do conjunto de oferta que está integrada naquilo que consideramos ser o todo do território do centro de Portugal, em articulação com a marca Portugal. Para termos uma ideia do que significa isto dos 100 municípios, o Professor Eduardo falou há pouco em Mafra. Nós fazemos fronteira com Mafra, e vamos até Almeida e até Vilar Formoso: representamos o coração de Portugal, desde as portas de Lisboa, até à fronteira com Espanha.

E é esta população sénior que, tendo tempo, uma maior capacidade financeira e um nível cultural acima da média, queremos seduzir para visitar a nossa região. Uma região que tem 189 monumentos nacionais, praticamente 700 kms de percursos pedestres (está muito em voga, quer para o uso pedestre, propriamente dito, quer para a adaptação para outras rotas, como para o cicloturismo e outros). Uma região com oito sítios com chancela UNESCO, o que é particularmente importante para o nosso processo de internacionalização. Que tem um ponto icónico como Fátima, e Fátima em 2017 por maioria de razão assume aqui um papel fundamental, quer pela visita do Santo Padre, quer pela celebração dos 100 anos das aparições, quer com aquilo que vai ainda ser feito, relacionado com a celebração dos 300 anos de Nossa Senhora Aparecida do Brasil. Há aqui, portanto, uma carga muito forte sobre este crescimento associado ao crescimento do turismo religioso. Temos um conjunto de estabelecimentos de ensino superior, não apenas Coimbra, mas também Aveiro ou Covilhã, e mais uma rede de nove institutos politécnicos. Acresce ainda o facto de compreender cinco regiões vitivinícolas. Estamos de facto numa região com características muito diferentes de algumas das outras regiões turísticas homólogas. Quando pensamos no Algarve, no Alentejo, estão normalmente associadas a um, dois produtos turísticos mais maduros; já o caso da região centro, tem, de facto, uma diversidade de oferta que consideramos muito relevante.

E é dentro deste mapa, deste conjunto de território, que procuramos conciliar aquilo que hoje é a nossa oferta instalada, praticamente temos, em 2015, 50 mil camas turísticas, aqui distribuídas pelas várias regiões. Pese embora este encontro seja da região de Aveiro, vemos que o posicionamento de Aveiro, comparativamente com as outras sub-regiões do centro de Portugal, onde podemos ver a capacidade das camas turísticas e, naturalmente, aquilo que são outras ofertas, ao nível de outros serviços associados ao turismo. A região de Aveiro tem 4.040 camas, por oposição à Serra da Estrela que tem 6.000, ao Médio-tejo, que, contendo Fátima, tem um número muito relevante de camas turísticas. Esta é a distribuição da oferta das camas turísticas na região centro. Nos hóspedes, há, de

facto, um evento positivo para o país, também para a região centro – no caso concreto, entre 2005/2006 e 2015/2016 mais do que duplicámos o número de hóspedes e de dormidas. Estamos, portanto, em amplo crescimento e naturalmente que dessas dormidas resulta hoje praticamente um aumento na ordem dos 12,6% da região centro do país. Resulta daqui qualquer coisa como 230, 240 milhões de euros diretos da hotelaria e mais de mil milhões diretos da restauração, o que demonstra bem a diferença de peso entre estes dois serviços que são prestados.

Ainda uma nota em relação aos mercados, continuamos a ser uma região dominada essencialmente pelo mercado nacional e temos depois um conjunto de países, onde se inscrevem também países como Espanha, França (cresce de forma exponencial em 2016 e, mais ainda em 2017), e depois uma pequena distribuição em mercados como os Estados Unidos ou os países do Leste. Só uma nota, nomeadamente sobre Fátima (que não era previsível aqui há dez anos atrás: hoje, no TOP 5 dos países mais emissores em grupos organizados de turistas, encontramos, por exemplo, a Coreia do Sul. Aquela visão dos “charters de chineses do Futre” começa hoje a ser uma realidade. Hoje, em Maio, começa a ligação para Pequim, portanto significa que já é uma pequena realidade – reflete o crescimento acentuado da procura do mercado asiático. E, obviamente que, procuramos, aqui, sinalizar alguns dos nossos monumentos mais visitados da região centro e o nível de crescimento entre 2011 e 2016 – percebe-se claramente a força da atividade turística. Quando olhamos, por exemplo, para o convento de Tomar, tinha praticamente 200.000 dormidas em 2011, e em 2016 atingiu, praticamente, 300.000 dormidas. Quando olhamos para o mosteiro da Batalha, passou quase para o dobro, o que significa que há aqui um crescimento exponencial, também potenciado pelas várias classificações associadas aos nossos edifícios, que hoje têm características de serem as nossas referências na grande região centro.

Este conjunto de oferta é aquilo que procuro, de alguma forma, sistematizar, para um turismo que pretendemos captar e que tem as características já referidas pelo Professor Eduardo, que agora queria reforçar mais. Porque trazem benefícios objetivos e diretos para a nossa atividade, atendendo a que estamos a falar de um segmento de mercado que nos permite essa utilização dos equipamentos ligados à atividade turística, ao longo do ano e, se este segmento de mercado tem mais tempo, logo pode viajar mais ao longo do ano, o que nos ajuda a combater outro problema estruturante que temos na região centro, que é o problema da sazonalidade. Acreditamos que este segmento de mercado, também desse ponto de vista, pode ajudar para combater este problema da sazonalidade da procura turística.

E está, naturalmente, associado a um conjunto que acreditamos que seja criativo, de termos novos programas, novos pacotes, novas complementaridades, associadas àquilo que é a nossa oferta turística tradicional. Por um lado porque temos produtos turísticos mais relevantes, nomeadamente associado ao turismo cultural: este setor cresce, em toda a Europa mais de 47% dos mil milhões de viagens têm motivação cultural. Este é um bom indicador para a nossa região, onde temos esta densidade cultural e patrimonial, em que não somos competitivos com outras regiões em aspetos como o Sol e a Praia, onde tivemos a nossa principal aposta e onde se pode verificar existem destinos com características mais competitivas – temos sol e praia, mas menos competitiva do que outros países. Já a nossa riqueza patrimonial e cultural permitem-nos estar na vanguarda daquilo que são as novas tendências de turismo. Também em relação ao turismo de saúde e bem-estar, percebemos que aumenta a esperança de vida, a longevidade, significando que devem haver cuidados, nomeadamente naquilo que chamamos de turismo acessível, que não é apenas para cidadãos portadores de deficiência, mas também, para cidadãos que, ao terem 80 ou 90 anos, à partida, têm maiores problemas que as pessoas de 20, 30 ou 40 anos.

Isto leva-nos a um novo segmento de mercado, relacionado com uma oferta turística integrada, que é o Turismo Residencial. Importa aqui referir a aposta que devemos fazer em mercados com capacidade de aceder a estes serviços, ou por força de pacotes de seguradoras ou outros, financiamentos que não existem no nosso país, ou por força de valores económicos de reforma acima da média.

Concluindo, diria: aprende como se fosses viver para sempre, vive como se fosses morrer amanhã!

Saudações.

Penso que uma das coisas que esta região fez melhor, como se pôde verificar na apresentação anterior, foi descobrir valor. E descobrir valor é uma coisa que todos nós devemos fazer com frequência.

A minha apresentação vai ter duas partes: uma, a oportunidade que desde já agradeço, de poder falar aqui na UNAVE; e outra, juntando a questão de poder descobrir valor. A segunda parte vai ser apresentada pela Eugénia Pereira, responsável na UNAVE pelo pelouro da formação relacionada com os seniores.

Antes de mostrar o retrato da UNAVE, rapidamente queria começar também por dizer que um dos valores que identificámos na UNAVE foi precisamente a experiência. A UNAVE rodeia-se de experiência, a Eugénia tem neste momento uma dessas pessoas experientes nesta área a trabalhar com ela e, eu tenho aqui à frente o ex-reitor Júlio Pedrosa, que é um colaborador frequente, como mentor, como conselheiro, para tentarmos discutir preliminarmente as nossas ideias e estratégias.

A UNAVE. O que é a UNAVE? A Universidade de Aveiro é uma universidade muito transversal, permite-nos ter a riqueza de podermos trabalhar com pessoas de áreas muito distintas e de as aproveitar. E, no fundo, a UNAVE existe precisamente para aproveitar a riqueza da Universidade de Aveiro. É muito complexo lidar com as universidades quando se vai lá procurar qualquer coisa, mas se houver uma unidade como a UNAVE que conheça a universidade bem por dentro, torna muito mais fácil descobrir a riqueza que há lá dentro. A UNAVE, em termos de formação intervém em todas as áreas em que há riqueza e saber na Universidade de Aveiro. Isto leva a formações vocacionadas para diferentes áreas, como vou já mostrar, e sempre com o objetivo de captar pessoas para a universidade. Trabalha articulada com a unidade de formação continuada (UINFOC), o que permite que possamos certificar em ECTS's os cursos e também atuar num pelouro importantíssimo, que é o "maiores de 23". Há pouco o nosso reitor falava do nosso estudante em doutoramento com mais de 80 anos e, este estudante, entrou pelos "maiores de 23".

Como trabalhamos em diversas áreas, dividimo-nos em três âmbitos. Comportamental, técnico e cultural. Da parte comportamental não vou falar muito, pode ser acedido na nossa página web. Nesta parte trabalhamos com coisas um pouco "fora da caixa", como mindfulness, coaching (já um pouco gasto) e outras softskills. No âmbito técnico também procuramos fugir um pouco daquilo que é o normal e neste momento estamos a trabalhar muito em cursos virados para a parte local. Por exemplo, descobrimos que a casa das 90-100 horas é o ideal para os profissionais que nos procuram, temos cursos de sucesso como o Marketing Digital e temos áreas novas como a colaboração empresarial, MBA's para empresários nas áreas das TIC's, enfim, temos uma ampla panóplia de ações de formação a oferecer aos nossos públicos.

No âmbito cultural, que considero muito importante, é uma área que nos apraz muito, utilizando muitas vezes também aquilo que a Universidade de Aveiro tem de tão rico. Por exemplo, no outro dia fechámos um Curso de Jazz com o José Duarte. Teve de ser interrompido durante dois anos por doença do "Zé Duarte", em que tivemos muitas pessoas ligadas, penso eu, às comunidades e universidades seniores a frequentar. Fotografia digital e outras coisas que temos, sempre com o foco nas pessoas e nas empresas. As empresas dão-nos muita sustentabilidade financeira, além das pessoas. Certificação é fundamental, os protocolos também, gostávamos muito de avançar com protocolos. Por exemplo, aqui na Câmara Municipal de Ílhavo, ainda não temos um protocolo escrito e já estamos a trabalhar juntos em coisas que julgamos ser disruptivas. Aproveito para lembrar que vamos ter, em breve, um workshop muito engraçado em Estarreja, na brain week de Estarreja, por causa dos 90 anos da entrega do Nobel da medicina ao Egas Moniz. Trabalhamos com muitas empresas, e temos estratégias que passam muito pela ligação à comunidade.

O que vou apresentar é um projeto que está mesmo no início, ainda um esboço do que poderá vir a ser. Esta ideia surgiu porque num encontro com pessoas que neste momento estão fora da Universidade de Aveiro e que foram dizendo, "porque não chamar de novo pessoas que queiram voltar à universidade, agora que estão numa fase da vida com mais tempo", como foi dito aqui, e que

querem efetivamente reingressar. Não forçosamente por via de um curso superior mas por via, por exemplo, da formação.

O nome que pensámos, não definitivo, foi “Escola de Prata”. Tem a ver, primeiro, com a antiga designação, “Costa de Prata”. Segundo, tem a ver com a cor do cabelo das pessoas, efetivamente prateado.

Esta ideia não é nova, começou em 2012. O UINFOC, a nossa unidade de formação ao longo da vida, tinha, na altura, a trabalhar, no mestrado, duas alunas que estavam a fazer pesquisa e que quiseram saber, para a sua investigação, quais seriam as áreas de interesse dos seniores, na altura. Chegaram à conclusão que havia áreas muito importantes, como as áreas da saúde e qualidade de vida, introdução à multimédia, histórias com sabor a matemática, identidade artística e geologia médica. Este plano de estudos foi preparado pelas alunas, tendo em conta o levantamento efetuado.

Em 2017 decidimos retomar esta iniciativa, mas desta feita, com algo novo. Assim, decidimos criar um esboço do que pensamos poder vir a ser o conjunto de “princípios fundadores”. Obter o compromisso de quem quer vir trabalhar connosco, para poder ser obtido o empenho e envolvimento dos participantes; pretendemos também oferecer programas de formação feitos à medida dos interesses dos seniores; pretendemos estabelecer parcerias com associações de municípios, empresas, universidades seniores e outros organismos (Escuela de la Ciudadania de la Universidad de Deusto, Universidad Mayores de Extremadura); pretendemos ainda organizar colóquios nacionais e regionais; e, por fim, pretendemos apoiar a reintegração dos seniores no Ensino Superior.

A nossa missão seria, então: promover o desenvolvimento pessoal e a responsabilidade social; oferecer possibilidades de formação permanente e alargar horizontes culturais; proporcionar recursos e instrumentos para a aquisição e atualização de conhecimentos em vários domínios; desenvolver os laços entre os seniores e a Universidade; manter e promover uma presença ativa dos seniores na sociedade; favorecer os contactos humanos; promover a saúde física e mental.

Então, o que nos distingue? Temos um ideal. Esse ideal seria alcançar o ideal de uma sociedade educativa, sem distinção de idade. Gostaria, também, e porque o espaço da Universidade de Aveiro é um espaço de ciência, que pudesse promover o conhecimento e cultura, e de convivência solidária. Temos ainda o compromisso para inovarmos socialmente e de forma responsável e sustentável. Da mesma forma, pretendemos estabelecer e promover uma aproximação entre o meio académico e o cidadão sénior, enquanto modelo de inovação transformadora. Depois, transferir conhecimentos entre seniores/jovens e seniores/seniores. É ainda nossa missão, promover o voluntariado sénior enquanto procedimento de cidadania. Promovemos ainda intercâmbios sociais e o incentivo do espírito crítico entre as pessoas da comunidade. Finalmente, a possibilidade da creditação de Unidades de Formação (ECTS) dos cursos que andam a frequentar.

Em suma, temos 3 estratégias importantes. Primeiro, cursos de Formação para seniores variados, construídos à medida, podendo ser construídos em mosaico para que os seniores possam escolher as suas áreas de formação. Têm uma componente teórica, uma prática e outra lúdica, esta sempre ligada à prática. Tem ainda a possibilidade de creditação das Unidades de formação. Em segundo, temos os cursos de formação de formadores, dirigidos a seniores que desejem colaborar, enquanto voluntários, nas formações enquanto formadores de seniores. Por último, o Clube Sénior (nome provisório). Aqui pretendia-se ter a ajuda das pessoas seniores para a gestão das formações, para as trocas informais de experiências, no apoio solidário e, ainda, na promoção/reforço dos laços intergeracionais.

18. Da NOTA DE CONCLUSÕES – UMA VISÃO PARA O FUTURO – apresenta-se a síntese da intervenção:

JÚLIO PEDROSA
EX-MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Saudação.

É, creio, a terceira vez que faço apresentações em Universidades Seniores.

A primeira, em Aveiro, na Academia de Saberes; a segunda foi na Gafanha da Nazaré e, aquilo que tenho falado é sobre a Felicidade.

Esta minha tentativa de síntese – e como nota de conclusões – daquilo que aqui se falou hoje, tem a ver com o seguinte: eu tenho ideia que nós todos queremos viver em comunidades felizes e ser felizes. E tenho ideia, também, de que a dignidade humana, a liberdade e a solidariedade, são princípios e valores fundamentais para essas comunidades existirem.

As Universidades Seniores, nasceram num determinado contexto. Reparem, eu nasci em 1945, portanto, aqueles “anos de 1950” que aqui se falava há pouco, eu conheci bem. O que era a minha aldeia, o que era a saúde, etc. Portugal fez, portanto, um percurso fantástico: assim, deixemos de nos auto-vitimizar, de “chamarmos nomes a nós próprios” – primeira nota, para enquadrar. A segunda, e o Professor Anselmo Castro referiu isto, estamos a viver e vamos viver muitos anos mais, portanto temos de repensar o modo de organizar as nossas vidas. São estes os meus pontos de partida, para a conversa que vou ter, onde vou procurar interpretar aquilo que me foi pedido.

Na primeira comunicação tivemos o Senhor Reitor da Universidade de Aveiro e o Senhor Presidente da CIRA e da Câmara Municipal de Aveiro, e na primeira parte o Senhor Reitor deu a ideia do caminho percorrido pela universidade. Quando chegámos a Aveiro, eu vim de Coimbra com o primeiro Reitor, os aveirenses tiveram umas certas reticências em relação à universidade, levaram para aí uns dez anos a pôr os seus próprios filhos na Universidade de Aveiro. Mas é verdade que, dez anos depois, andávamos pelo distrito, pela região, e falavam da “nossa Universidade”. Portanto, houve aqui a construção de uma relação que permanece e está aí. Tem muitas frentes de ação, com interesses para públicos muito diversificados, o que também foi ilustrado pela comunicação aqui feita pela UNAVE. É uma comunidade de, pelo menos, quinze mil pessoas. Pelo que essa comunidade académica exige, em alojamento, alimentação, etc, tem uma presença na cidade que é significativa. E viram que têm produtos, processos e marcas, etc, muitas delas desenhadas para seniores.

Na intervenção do Senhor Presidente da CIRA, vimos um histórico do associativismo regional, de há 30 anos para cá. O associativismo, em Portugal, não é muito fácil de promover. Ele falou-nos de responsabilidades, de iniciativas, projetos e dinâmicas, que se criaram, muitas delas tão relevantes para aquilo que, creio eu, são os projetos e as missões das Universidades Seniores. Mas deixou uma nota dos ganhos evidentes deste género de associativismo: considero ser uma mensagem importante para as associações e organizações por trás das Universidades Seniores.

Agora as últimas intervenções, que julgo serem complementares. Do Professor Anselmo Castro, convém reter que o discurso pessimista sobre aquilo que é a demografia em Portugal, e que é, se quiserem, a constituição da população portuguesa, é um engano, sublinho, é um engano. Sejamos inteligentes, e pensemos naquilo que nos foi apresentado acerca do que somos... A questão da produtividade, eu reajo sempre quando falam na nossa baixa produtividade. Não é isso que dizem as empresas que operam em Portugal e no estrangeiro com trabalhadores portugueses. Há aí, com certeza, alguns fatores que deviam ser estudados, para perceber como aparece esse tipo de discurso. O progresso no sistema de saúde, por exemplo, foi extraordinário. Mas em resumo daquilo que foi dito, é que vamos viver mais anos e, então, temos de nos entender sobre como é que vamos organizar as nossas vidas. Nós próprios aqui, que aqui estamos, seniores, organizámo-las de certo modo. Mas no futuro não será assim. Os portugueses vão com certeza organizar-se em sociedade, de maneira diferente. Nomeadamente, se a Emigração não tiver a expressão que alguns julgam que deveria ter. Se calhar vamos trabalhar mais anos e, se trabalharmos mais anos, não vamos fazer a mesma coisa que fizemos até aos 65. Eu sou empresário agrícola, deixei de ser Professor Universitário e passei a ser empresário agrícola. O resto é voluntariado, o que tenho feito no mundo universitário é voluntariado. Eu estive em Malta nestes dias em ação voluntária, tenho estado neste envolvimento europeu pró-bono, porque me dá um grande prazer e porque entendo que devo ter esta missão.

Vamos, portanto organizar as nossas vidas, no futuro, depois do tempo habitual de aposentação, se calhar, também para este efeito do voluntariado. Este também é um pressuposto da minha conversa. E creio que ninguém está alheio àquilo que se passa à sua volta. Vemos cenas de violência, de guerra, em múltiplos e variados contextos. Está aí o Mundo em que vivemos, se calhar mais próximo daquele em que nascemos, repleto de desafios para refletirmos. Por exemplo: as migrações, a que ligamos a palavra “refugiados”, em Portugal podem ser excelentes, portanto falar de migrações pode levar a diferentes interpretações.

É uma temática que merece debates e reflexão, etc. Os terrorismos, têm por trás deles, com certeza, contextos. E caminhos históricos... Vale a pena pensar neles, não apenas observar. A pobreza, a fome, as desigualdades, ao lado de expressões várias do enriquecimento de alguns, também nos devem interpelar. E, finalmente, a questão do vazio de valores. Desde abril de 1974 fizemos um trabalho notável no desenvolvimento do país. Mas desapareceu do discurso público a palavra “Valores”. E eu queria trazê-lo à nossa atenção. Mas, em Portugal há coisas fantásticas, há o Cristiano Ronaldo e o Salvador, vejam lá. Há cientistas fantásticos, a trabalhar cá e a trabalhar no estrangeiro. Há trabalhadores em várias profissões, apreciadíssimos. Perguntem à Autoeuropa, perguntem à Bosch, perguntem a todas as empresas que estão cá, o que eles dizem dos portugueses. Há artistas, de múltiplas artes, magníficos. Mas há desertos, atenção, nós vivemos num país desigual, há desertos. E há desertos não apenas de pessoas, há desertos de outras coisas. Há pobreza, há abandono, há desemprego. Há discursos desvalorizadores do “ser português”, que deviam acabar. Há Fátima e os Papas; há um mês o Ministro (das finanças) Centeno, foi apelidado pelo ministro homólogo Alemão, de “Cristiano Ronaldo das Finanças”. Isto é Portugal!

Estão aqui, portanto, temáticas, que nos podem despertar interesse, em universidades, em Universidades Seniores, ou não. Porque algumas delas precisam de estudo, de pesquisa, de debate, de reflexão, que podem ser feitos de diversas maneiras. Para produzir um “papper”, para uma tese de mestrado, ou para outros fins, para o prazer de descobrir, de estudar, de ir mais fundo. A WEB Summit foi para Lisboa, a Autoeuropa, a Bosch, a Nokia-Siemens, a Altice, a Mercedes – há “n” exemplos de empresas que estão aí, que vieram há pouco tempo, etc. As exportações no turismo estão a crescer, tivemos aqui essa indicação sobre o que se está a passar na zona centro. Reparem, este esforço da promoção, do marketing, da região centro: é uma coisa nova que está a emergir. Os processos ou produtos industriais... Ouviram com certeza no outro dia no Expresso da Meia-noite, a pessoa que representava as indústrias tecnológicas, e outras, a explicarem porque aconteceu este progresso.

Não falem mal das escolas e dos professores. As universidades têm feito um trabalho notável, e este é o contexto em que as universidades seniores estão a trabalhar. Mas não podemos esquecer alguns fatores. Reparem que, em 1970, havia 26% de analfabetos. Hoje (censos 2011) há 5% de analfabetos. Mas não nos enganemos com isto. Porque agora se olharmos para os vários grupos etários e, tivermos atenção ao grupo etário dos 25 aos 34 anos, temos 42,5% com menos que o 12º ano. Sabem qual é o patamar de qualificação das mães e dos pais a partir do qual há um efeito positivo sobre o crescimento educativo das filhas e dos filhos? É o 12º ano. Há evidências em investigações sobre isso. Reparem, mesmo na gente mais nova, nas mães e pais mais novos, 24,4% tem no máximo o 9º ano. Depois, se formos para o grupo etário dos 34 aos 54 anos, são 65% as pessoas com o 12º ano completo. E, com mais de 55 anos, são 88%.

Portanto este é o nosso país. E às vezes esquecemos que este é o nosso país. E às vezes discutimos os resultados das crianças nas escolas. E esquecemos o contexto do seu crescimento em casa. Pensamos que é apenas o professor ou a professora. Há outro fatores. E um deles é este. Queremos mudar isto ou não? Se quisermos, somos poucos para aquilo que há para fazer. E, talvez, as Universidades Seniores possam aqui dar um contributo.

Estou a pôr-vos à frente temáticas, preocupações, questões das nossas sociedades, que podem fazer parte da agenda futura das Universidades Seniores. Reparem no impacto das tecnologias. O efeito dos facebook’s, dos twitter’s, etc, desde logo no comportamento das crianças e dos jovens, mas também dos adultos. Se calhar é tema para conversarmos sobre ele e atuarmos sobre ele. E vai ter impacto continuado no futuro, não vão desaparecer. Mas são instrumentos valiosíssimos nas nossas sociedades. O impacto da automação e da robótica, vai ter (e já tem) grande impacto no emprego. Alguém está a estudar, de maneira sistemática e efetiva, como é que vamos lidar com esse impacto? Portanto estamos a entrar num mercado de trabalho altamente imprevisível.

Mas, presentemente, aquilo que me mais preocupa é a ausência, na nossa vida em sociedade, de um conjunto de princípios orientadores assumidos de forma livre, por nós todos. Portanto, o que eu quis dizer até aqui? Pretendi dizer-vos que Portugal de 2017 é muito diferente do Portugal de 1945 ou de 1950. E temos de nos orgulhar do progresso que fizemos, do notável caminho que fizemos. Não temos de andar sempre a “bater em nós próprios”.

Mas também vos quis dizer que há muito trabalho para investigar, estudar, para aprofundar reflexões, buscar saberes. Portanto, isto que fiz até agora foi dizer, se nós quisermos ser felizes, viver em comunidades felizes, se calhar, há contributos de vária natureza que podemos dar, também a colaboração do estudo, da reflexão, da investigação. Da busca de saberes que estão aí, saberes diversos, experiências. Organizá-las, disponibilizá-las para serem usadas, em benefício de nós todos.

Numa comunicação que recentemente li, para escrever um artigo acerca de educação e formação ao longo da vida, um artigo de fundo para o Reino Unido que considera estes grupos etários, o grupo das pessoas até aos 25 anos, que é no fundo o grupo de pessoas na escola ou recentemente saídas da escola, terá um certo tipo de necessidades de educação. O grupo seguinte, dos 25 aos 50 anos, claramente está na vida profissional ativa. Com a mudança que vai haver no mundo das profissões, vai haver necessidade de formação e educação ao longo da vida para este grupo, pensado e realizado para este grupo. Para quem está a trabalhar, e para quem está desempregado. Também para aquele que suspendeu o seu trabalho para mudar de atividade. São necessidades de formação e educação ao longo da vida diferentes do grupo anterior. Mas depois, dizem eles, pensemos no grupo dos 50 aos 75 anos, imaginem... Porquê? Porque, eles dizem, a idade de vida das pessoas, vai ser maior. As pessoas vão querer estar mais ativas, durante mais tempo.

Portanto, é preciso pensar, depois daquele período de atividade dos 25 aos 50, se as pessoas quiserem continuar a trabalhar dos 50 aos 75, sobre que tipo de trabalho é que vão querer? Como se preparam para esse trabalho? Que formação e educação ao longo da vida se deve proporcionar a esse grupo etário? E, depois, vem esse grupo dos 50 aos 75, que também quer continuar a estar presente e a estar ativo. Há aqui, por isso, uma reflexão a fazer, em Portugal. Faz ou não faz sentido, em Portugal, organizarmos a formação e educação ao longo da vida, de tal maneira que respondamos a estes vários grupos etários? Podem, as Universidades Seniores, pensar nisto? Portanto, eu trago-vos, perguntas!

Quando falamos na universidade, no sentido habitual do termo, vemos que também existe uma história de mudança. E agora pensa-se o que será no futuro. Na idade média, a universidade servia para formar certos profissionais. Profissionais de Direito, de Medicina e os Teólogos, que incluía também a Filosofia. Basicamente a universidade, como a Universidade de Coimbra, quando surgiu. Há uma referência habitual que é feita sobre a ideia de universidade, de John Cardinal Newman (1801-1890), fundador da Universidade da Irlanda, que tinha uma ideia da universidade como um espaço de criação livre, de conhecimento e de ensino livre, para quem quisesse aprender. Não era já formatada para fornecer profissionais. Isso já não estava presente nesta ideia de universidade de Newman. Quem introduz a ideia de investigação científica é Humboldt (1769-1859). Reparem, em 1810, também naquela altura... Quando hoje falamos em universidades de investigação, em missão de investigação, isso resulta de um contributo de um outro pensador. Porque é importante trazer isto aqui? Porque é tempo de pensar numa ideia de universidade sénior. Pensar nisto que trouxemos aqui hoje, neste encontro regional, naquilo que nos disse o Professor Anselmo Castro sobre que população vamos nós ser no futuro, sobre quais são as projeções demográficas que existem para cada município, e ele tem essa informação para o país inteiro, etc. Que fins devem as universidades seniores procurar, no Portugal que é, que vai ser, e que pode ser, pensado em termos do que vai ser, com estas informações que estes senhores cientistas estão a produzir.

Portanto, eu deixo-vos só esta ideia, as Universidades Seniores são, certamente, sedes de saberes e de saberes com fundamento em experiências muito valiosas. Portanto, a reflexão sobre que fins devem procurar na atualidade, é uma reflexão sobre como é que vamos aproveitar essas fontes de saber e de experiência global e local. Não têm de ser todas iguais, porque elas estão e provém de diferentes contextos. Uma Universidade Sénior em Freixo de Espada à Cinta é diferente de uma Universidade Sénior na Amadora, ou em Ílhavo, etc.

Eu deixo-vos, apenas, algumas hipóteses de trabalho. Uma agenda para análise e debate. Será possível, as Universidades Seniores trabalharem em rede? Estou a falar para as Universidades Seniores que aqui estão. A região de Aveiro é uma região muito especial, de grande proximidade. Uma cidade de 400 mil habitantes, que é a CIRA, dispersa num território, que eu sei com distâncias que, com veículo automóvel, não são mais do que meia hora. Na cidade de Lisboa, são raros os percursos para quem lá vá trabalhar, que exijam apenas meia hora. Portanto, será possível organizarmo-nos nesta região, nesta cidade dispersa, para trabalharmos em rede?

E não seria bom criarmos oportunidades para encontros de gerações? Quando eu estive no Ministério da Educação estava a iniciar-se uma experiência de ter centros de terceira idade junto com jardins-de-infância. E foi uma experiência extraordinária, creio que ainda existe, e depois foi experimentada noutros sítios. Porque, realmente, ambos beneficiam com isso, com essa proximidade. E houve, a partir da ideia de um diretor-geral do Algarve, e procurámos criá-la esta realização e estavam felizes as duas partes, os seniores e as crianças do jardim-de-infância.

Tem de existir, na sociedade portuguesa, um discurso de respeito mútuo, de valorização mútua, de aproveitamento daquilo que cada um tem a dar ao outro. Isto leva-nos a outra sugestão: de criar oportunidades de envolvimento de gerações diferentes nas Universidades Seniores.

Aqueles grupos, de educação ao longo da vida, que referi, ajudam-nos para refletirmos sobre o futuro. Porque o mundo do emprego vai continuar a mudar. E, portanto, se alguma universidade sénior se quiser envolver, na educação e formação ao longo da vida, tenham em atenção aquele referencial. Quais são as questões sociais, políticas, económicas que nos podiam suscitar algum filosofar? Sabem, eu fiz um doutoramento em Química no estrangeiro, mas o meu supervisor olhou para mim e disse: “oh Júlio, tu vais com certeza estudar muita filosofia!” E é verdade, eu sempre gostei de me interrogar sobre as coisas. E ir buscar a resposta, não apenas pela ciência mas através da melhor evidência possível. Pensem, nas Universidades Seniores, em filosofar mais. O que isto significa? Significa pensarmos sobre os problemas e as questões que consideramos mais relevantes. E há professores e professoras de filosofia disponíveis. Há historiadores e historiadoras, professores de geografia, que dão os múltiplos contextos, etc. Portanto, filosofar sobre questões sociais, culturais, económicas e políticas, que nos interpelam... podem ser uma dica de atividade que pode estar na agenda das US's. A ideia da felicidade e o valor da ética, já sabem que tenho como coisas importantes. Mas os princípios orientadores da nossa vida junta, os valores, é um tema que tem de entrar na nossa agenda nacional. Fará sentido trazer este tema para uma agenda das universidades seniores? Eu acho que faz sentido. Porque mães e pais falam com filhos, com netos, com amigos, etc.

Conto-vos uma história. Estava em Lisboa e fui assistir a umas certas conferências, a uma Universidade, sobre o Ambiente e, a certa altura, uma pessoa disse assim: “mas isso são valores, é uma questão de valores...” e, levantou-se um ilustre académico, doutorado no MIT e disse: “valores? Que é que vocês querem? Querem trazer outra vez a organização política da administração para a agenda?” Portanto, isto para vos dar uma nota de que não é um tema pacífico. Entretanto, deixem referir o caso da Austrália: a Austrália tem tido integração de imigrantes oriundos de muitas origens e, teve a clarividência, de incluir a questão dos valores na agenda da educação. E de fazer um trabalho de oito ou nove anos, refletido num documento final, onde estão definidos os valores que as escolas devem incorporar na Educação.

Vou terminar, resumindo o conjunto de oito Valores: cuidado e compaixão; faz o melhor que podes. Eu costumo dizer, façamos bem e com sentido de responsabilidade; saber conviver de modo a que aquilo que é os valores do bem comum esteja presentes nas nossas preocupações; a honestidade; a integridade; o respeito; a responsabilidade; a compreensão; a tolerância e a compreensão.

Estas são palavras-chave que consideramos, portanto isto não é assim tão estranho a nós.

Deixo-vos com esta nota final: como universidades seniores sejam um espaço de encontro, de reflexão, de partilha entre gerações, com seniores, com jovens, com crianças, um espaço livre e autónomo, usando os diferentes saberes e experiências que existem nas vossas organizações, associações e comunidades, nas vossas universidades. Não vão faltar temáticas, se quiserem chamem-lhes disciplinas. Haverá certamente espaço para descobrirem abordagens, de maneiras de pegarem em diferentes temáticas e trabalharem sobre elas.

E não será disparatado pensarem, também, na educação e formação ao longo da vida, tendo presente, também aquela abordagem, do Reino Unido.

Muito obrigado e bem-hajam, desejando o melhor para as Vossas comunidades!

– COMO DESAFIOS FINAIS –

19. CINCO ATITUDES PARA SER FELIZ:

Nunca nos esqueçamos que não somos velhos mas sim pessoas alegres, felizes, dinâmicas...

Que partilhamos experiências e saberes, fazendo parte de uma sociedade ativa.

Cinco atitudes para sermos felizes:

- 1. Pensemos positivo;*
- 2. Sejamos nós mesmos;*
- 3. Façamos o bem;*
- 4. Relativizemos as preocupações;*
- 5. Passemos mais tempo com quem amamos.*

Sejamos felizes!

*Elisabete Arvins
Comissão Diretiva US-GN*

20. PROJETAR ANO 2018:

II ENCONTRO DE UNIVERSIDADES SENIORES DA REGIÃO DE AVEIRO – II EUSRA

ENTIDADE ORGANIZADORA: Universidade Sénior da Curia – Anadia

LOCAL: Curia – Anadia

DATA: tardes dos dias 7 e 8 de Junho 2018, com potenciais públicos diferenciados: quinta 7 de Junho, tarde: JORNADA DE REFLEXÃO SOBRE TEMÁTICAS SENIORES (para pessoal técnico e todos os interessados das US); sexta 8 de Junho, tarde (com refeição integrada): ROTEIROS CULTURAIS SENIORES (para todos os membros das US).

Temáticas possíveis, decorrente das conclusões do I EUSRA:

- *O VOLUNTARIADO SOCIAL E CULTURAL SÉNIOR COMO DESENVOLVIMENTO SOCIAL*
- *A QUESTÃO DOS VALORES COMO ESCOLA DE CIDADANIA PARA TODAS AS IDADES*
- *O DIÁLOGO DE GERAÇÕES COMO DINÂMICA DE VIRTUDES PARA O BEM-COMUM*
- *A FILOSOFIA E A CULTURA GERAL COMO BEM-ESTAR PESSOAL E SOCIAL PARA TODOS*

I Encontro de Universidades Seniores da Região de Aveiro – I EUSRA

26 de Maio 2017 – Centro Cultural de Ílhavo e Universidade de Aveiro

Universidade Sénior da Gafanha da Nazaré – Ílhavo

Câmara Municipal de Ílhavo

Provedoria do Estudante da Universidade de Aveiro

SECRETARIADO-GERAL DO I EUSRA

Enviado a 30 de Junho às Instituições Seniores e entidades participantes